

Livros de poemas

Período quinhentismo - 1500

Poemas de Pe. José de Anchieta Jesus na
manjedoura

- Que fazeis, menino Deus, Nestas palhas
encostado?

- Jazo aqui por teu pecado

. - Ó menino mui formoso, Pois que sois suma
riqueza, Como estais em tal pobreza?

- Por fazer-te glorioso E de graça mui colmado, Jazo
aqui por teu pecado.

- Pois que não cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino,
Que vos fez tão pequenino?

- O amor me deu este véu, Em que jazo embrulhado,
Por despir-te do pecado.

- Ó menino de Belém, Pois sois Deus de eternidade,
Quem vos fez de tal idade?

- Por querer-te todo o bem E te dar eterno
estado, Tal me fez o teu pecado.

Período Barroco 1601

Sobe Bernardo da eternidade ao mapa, deixa do velho
Adão a mortal cepa, pelo lenho da Cruz ao Empíreo
trepá, começando em Belém na pobre lapa.

Mais que rei pode ser e mais que papa quem de seu
coração vícios decepa, que a grenha de Sansão tudo é
carepa e a gadanha da morte tudo rapa!

A flor da vida é cor de tulipa, também dos secos anos
é garlopa, que corta como ao mar corta a chalupa.

Nem há mister que o fosso corte a tripa, se na parte
vital já tudo topa. É ape!, epa!, ipa!, opa!, upa!

(Soneto de Padre Antônio Vieira)

Período Arcadismo 1768

O ledão passarinho, que gorjeia D'alma exprimindo a
cândida ternura;

O rio transparente, que murmura, E por entre
pedrinhas serpenteia;

O Sol, que o céu diáfano passeia, A Lua, que lhe deve a
formosura, O sorriso da Aurora, alegre e pura, A rosa,
que entre os Zéfiroa ondeia;

A serena, amorosa Primavera, O doce autor das
glórias que consigo, A Deusa das paixões e de Citera;

Quanto digo, meu bem, quanto não digo, Tudo em tua
presença degenera. Nada se pode comparar contigo.

Bocage, Sonetos

Período Romantismo 1836

Adeus, Meus Sonhos!

Adeus, meus sonhos, eu pranteio e morro!

Não levo da existência uma saudade!

E tanta vida que meu peito enchia Morreu na minha
triste mocidade!

Misérrimo! votei meus pobres dias À sina doida de
um amor sem fruto... E minh'alma na treva agora
dorme Como um olhar que a morte envolve em luto.

Que me resta, meu Deus?!... morra comigo A estrela
de meus cândidos amores, Já que não levo no meu
peito morto Um punhado sequer de murchas flores!

Álvares de Azevedo

Período Realismo/ Naturalismo/ pornasianismo 1881

Livros e flores Teus olhos são meus livros. Que livro
há aí melhor, Em que melhor se leia A página do
amor?

Flores me são teus lábios. Onde há mais bela flor, Em
que melhor se beba O bálsamo do amor?

Machado de Assis

Período simbolismo 1893

A Catedral Entre brumas, ao longe, surge a aurora. O
hialino orvalho aos poucos se evapora, Agoniza o
arrebol. A catedral ebúrnea do meu sonho Aparece, na
paz do céu risonho, Toda branca de sol. E o sino canta
em lúgubres responsos: "Pobre Alphonsus! Pobre
Alphonsus!" O astro glorioso segue a eterna estrada.
Uma áurea seta lhe cintila em cada Refulgente raio de
luz. A catedral ebúrnea do meu sonho, Onde os meus
olhos tão cansados ponho, Recebe a bênção de Jesus.
E o sino clama em lúgubres responsos: "Pobre
Alphonsus! Pobre Alphonsus!" Por entre lírios e
lilases desce A tarde esquiva: amargurada prece Põe-
se a lua a rezar. A catedral ebúrnea do meu sonho
Aparece, na paz do céu tristonho, Toda branca de luar.
O céu é todo trevas: o vento uiva. Do relâmpago a
cabeleira ruiva Vem açoitar o rosto meu. E a catedral
ebúrnea do meu sonho Afunda-se no caso do céu
medonho Como um astro que já morreu. E o sino
geme em lúgubres responsos: "Pobre Alphonsus!
Pobre Alphonsus!" (Alphonsus de Guimaraens)

Período pré - modernismo 1902

Saudade - Augusto dos anjos Hoje que a mágoa me
apunhala o seio, E o coração me rasga atroz, imensa,
Eu a bendigo da descrença em meio, Porque eu hoje só
vivo da descrença.

À noite quando em funda soledade Minh'alma se
recolhe tristemente, Pra iluminar-me a alma
descontente, Se acende o círio triste da Saudade.

E assim afeito às mágoas e ao tormento, E à dor e ao
sofrimento eterno afeito, Para dar vida à dor e ao
sofrimento,

Da saudade na campa enegrecida Guardo a lembrança
que me sangra o peito, Mas que no entanto me
alimenta a vida

Período Modernismo 1922

Mário de Andrade

Quando eu morrer quero ficar Quando eu morrer
quero ficar, Não contem aos meus inimigos, Sepultado
em minha cidade, Saudade. Meus pés enterrem na rua
Aurora, No Paissandu deixem meu sexo, Na Lopes
Chaves a cabeça Esqueçam. No Pátio do Colégio
afundem O meu coração paulistano: Um coração vivo
e um defunto Bem juntos. Escondam no Correio o
ouvido Direito, o esquerdo nos Telégrafos, Quero saber
da vida alheia, Sereia. O nariz guardem nos rosais, A
língua no alto do Ipiranga Para cantar a liberdade.
Saudade... Os olhos lá no Jaraguá Assistirão ao que há
de vir, O joelho na Universidade, Saudade... As mãos
atirem por aí, Que desvivam como viveram, As tripas
atirem pro Diabo, Que o espírito será de Deus. Adeus.